

Capítulo 3

3.1 Um Fuzil Numa Mão e Uma Urna na Outra:

Neste capítulo a atenção será voltada para mais um evento específico da história do movimento republicano, onde não só disputas, mas, desta vez, também a coordenação na definição da agenda estão em evidência: a notória greve de fome de 1980/81, quando, exigindo a volta do *status* de prisioneiros políticos, dez homens, prisioneiros republicanos, morreram lentamente. O evento da greve por si só - sua adequação estratégica, seu sucesso ou fracasso - não é central nesta análise, mas sim os bastidores do protesto, que ilustram a disputa entre a liderança mais conservadora de parte do Conselho de Guerra e do *Sinn Féin* e a nova liderança que vem surgindo, ligada a nomes como Gerry Adams, Martin McGuinness e Danny Morrison, uma geração partidária da estratégia dual que a partir de então seria seguida pelo movimento: a guerra travada em conjunto com disputas eleitorais - e boicote às instituições estatais. A liderança do movimento sai efetivamente, então, do Sul e se desloca para o Norte.

Desde 1968, muito havia mudado no mundo, os sonhos estavam devidamente enterrados sob mais uma crise econômica e as mudanças pelas quais muitos jovens haviam lutado se encontravam devidamente absorvidas e colocadas à venda nas prateleiras do mercado, enquanto seus principais idealizadores reviravam-se em seus túmulos ou falavam com as paredes. Particularmente, as derrotas das lutas armadas ao longo do globo eram inexoráveis. Grande parte dos membros das Brigadas Vermelhas se encontravam presos na Itália, que viu o movimento se dividir então em duas facções pouco significativas; na Alemanha, o Baader-Meinhof já havia tido seus principais membros suicidados e as gerações seguintes do movimento não conseguiram manter a mesma intensidade. O mesmo enfraquecimento acontece em todo o mundo, e os grupos armados ainda existiam haviam perdido nos anos de 1980 tanto o impulso de outrora quanto grande parte

da simpatia e apoio popular, varridos pelas políticas neoconservadoras e neoliberais.

Na Irlanda do Norte, a NICRA já não se fazia notar pelas ruas e o IRA já havia perdido boa parte da simpatia internacional - não por reprovação, mas por esquecimento. Mas, ao contrário da tendência internacional, a luta armada irlandesa persistia em 1980, assim como as soluções britânicas para a manutenção da ordem e da paz, ainda mais enfáticas, porém mais discretas, sob o comando da primeira mulher a chegar ao cargo de primeira ministra do Reino Unido.

Durante a campanha eleitoral de Margaret Thatcher, em 1979, seu amigo pessoal, Airey Neave foi morto por uma bomba colocada em seu carro pelo INLA. Neave seria o futuro Secretário de Estado para a Irlanda do Norte, que teria como objetivo levar o conflito a um fim definitivo – e muitos o consideravam realmente o homem ideal para tanto¹. Talvez este fosse um indicativo de que os próximos anos do conflito seriam especialmente difíceis.

Três anos antes da eleição de Thatcher, Merlyn Rees, então Secretário de Estado para a Irlanda do Norte do governo trabalhista, havia removido o *status* especial dos prisioneiros republicanos, conquistado em 1972 após a greve de fome de 40 detentos liderada por Billy McKee, e como resultado das negociações de uma possível trégua entre o IRA e o governo britânico. O *status* de prisioneiro político, dado a todos aqueles que haviam sido encarcerados por ofensas relacionadas ao conflito, significava que os detentos tinham o direito a usar suas próprias roupas; direito de organização dentro das penitenciárias, para fins recreacionais e para se educarem; direito de serem mantidos juntamente com os companheiros da mesma organização; direito de não serem submetidos aos trabalhos forçados na prisão; e direito a mais visitas e cartas do que os prisioneiros comuns.

Todos os detidos, a partir da retirada do *status* especial eram enquadrados em ofensas relacionadas ao terrorismo e tratados como prisioneiros comuns, o que significava a obrigatoriedade do uso do uniforme da prisão. Kieran Nugent foi o primeiro detido e condenado dentro desta nova política de criminalização e se

¹ news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/march/30/newsid_2783000/2783877.stm.
Acessado em 13 de maio de 2011

recusou a usar o uniforme por se dizer um prisioneiro político, e não um criminoso. Nugent, então, foi enviado à sua cela sem roupa alguma e passou a andar envolto no seu cobertor: foi o começo do chamado *blanket protest* ao qual outros detentos republicanos aderiram em protesto ao tratamento recebido nas prisões. Em um primeiro momento, os detentos eram autorizados a ficar com seus cobertores fora da cela, mas, posteriormente, isto foi proibido e, como o regulamento das prisões determinava que os presos só pudessem receber visitas ou sair das celas devidamente uniformizados, estes direitos se tornaram algo difíceis de serem mantidos. O bônus de redução de pena por cada dia de bom comportamento também se perdeu durante os dias de protesto.

Do lado de fora dos presídios, o IRA respondeu à revogação do *status* político com uma campanha de assassinato de 19 policiais carcereiros e da esposa de um deles, a pedido da liderança dos prisioneiros. Como já se sabe, a força policial era massivamente unionista, inclusive tendo absorvido membros de grupos armados protestantes.

Mas, como o *blanket protest* e a campanha de assassinatos do IRA não surtiram o efeito esperado e devido ao acirramento das tensões entre carcereiros e detentos, a situação nas prisões – especialmente nos *H-blocks* da *Maze* – se deteriorava, o que levou a uma escalada dos protestos internos. No início de 1978, os presos haviam tido toda a mobília de suas celas retirada, uma vez que a destruição dos móveis era mais uma forma de protesto, restando apenas seus colchões e cobertores, além dos penicos.

Os detentos então se recusavam a sair quando os guardas deveriam fazer a limpeza nas suas celas, até mesmo em protesto por não poderem sair sem uniformes em outras ocasiões, além de se recusarem a sair para o banho, já que havia muitos acidentes no caminho para os chuveiros. Eles reivindicaram que chuveiros fossem instalados dentro de suas celas, mas a prisão só poderia oferecer bacias de água que foram recusadas por eles². Desta maneira, o protesto escalou para o *dirty protest*, quando os prisioneiros não tomavam banho e não tinham suas celas limpas e seus excrementos recolhidos, que passaram a ser espalhados pelas paredes dos cubículos.

² MOLONEY: 2010

De acordo com aqueles de dentro do movimento, a violência contra os presos havia aumentado imensamente, o que se tornara mais outro motivo para que não saíssem das celas. De acordo com Danny Morrison, a história se deu desta forma:

“E então em 1976, o governo britânico unilateralmente retirou o status político e causou uma enorme crise nas prisões que durou quatro anos e meio, cinco anos. Os prisioneiros tiveram suas roupas retiradas, foram confinados em solitárias, eram espancados regularmente, eram proibidos de ir ao banheiro, eram proibidos de se exercitar, proibidos de ouvir rádio, proibidos de ter acesso a cartas...Lacraram suas celas. Eles entraram em um no-wash protest [recusavam banho] por três anos e meio...”³

Pouco se conseguiu com estes protestos, a não ser a mobilização de padres e de familiares consternados com a situação degradante e desumana em que os detentos estavam vivendo. A resposta das autoridades era sempre a mesma, de que os presídios britânicos ofereciam o necessário para satisfazer os requisitos dos direitos humanos e que, mesmo assim, esta situação era imposta pelos detentos que colocavam a si próprios em situação desumana. Periodicamente, os presos eram lavados a força e suas celas banhadas e pintadas.

Por cerca de quatro anos, os prisioneiros republicanos mantiveram os protestos sujo e o do cobertor, o IRA mantinha a campanha de assassinatos e o governo mantinha sua política de criminalização e de imposição periódica de condições mais humanas com seus banhos pela força bruta. Em março de 1980, a revogação do *status* especial foi estendida retroativamente, para aqueles detidos antes da suspensão de 1976 e que não haviam tido seu *status* modificado até então.

Desta forma, a organização do IRA nas prisões se tornaria ainda mais fraca, e medidas mais incisivas se tornavam necessárias. O exército republicano responde ao anúncio da retroatividade da revogação da categoria de prisioneiro político com uma declaração ameaçando intensificar a campanha contra a polícia⁴, mas isto não parece ter causado tanta preocupação do outro lado do jogo. A situação dos detentos havia sido levada à Comissão Europeia de Direitos Humanos, mas foi rejeitada, com a justificativa de que sua condição era imposta pelos próprios detentos.

Em janeiro de 1980, durante a *Ard Fheis* do *Sinn Féin*, foi colocada em pauta a discussão de que rumo tomar com relação ao problema das penitenciárias e uma carta vinda da liderança dos prisioneiros foi lida. Dizia que a adesão ao *blanket protest* era amplo, mas que eles não iriam conseguir continuar mantendo estas condições de vida para sempre⁵. Os prisioneiros pressionavam a liderança do movimento para que atitudes mais drásticas fossem tomadas. Tudo que o Conselho de Guerra pretendia fazer com relação à questão eram alguns assassinatos; a guerra era muito mais importante para o Conselho do que protestos dentro das prisões – não se pode vencer uma guerra através da autodegradação. Desta forma, apesar de apoiar os protestos, a maior parte da liderança do Conselho de Guerra, tradicional e militarista, resistia à grande importância dada pela liderança do Conselho Revolucionário⁶ e do *Sinn Féin* à questão.

Para piorar a situação, o setor financeiro do movimento estava com problemas, o dinheiro curto não conseguiria resolver tantas demandas. Pouco estava sendo conseguido pela NORAID⁷ e a ajuda líbia era sempre incerta, sem falar nos fundos angariados localmente que estavam retraindo, junto com a economia e com o prolongamento do conflito. Havia muita discussão sobre qual deveria ser a prioridade do movimento republicano, e certamente, para o Conselho de Guerra, não deveriam ser os protestos dentro ou fora das prisões.

Nada parecia conseguir pressionar o governo Thatcher, que promovia, por sua vez, uma campanha de eliminação de líderes do IRSP, ligado ao INLA, em retaliação à morte de Airey Neave. A maioria dos membros do partido não se pensava como possíveis alvos, já que eram figuras públicas, políticos, enquanto os membros anônimos das organizações armadas tomavam mais cautela. A inteligência britânica fornecia dados de alvos a serem eliminados e as operações eram lavadas a cabo em conjunto com grupos armados protestantes. Desta forma a unidade especial do exército do Reino Unido e a UDA⁸ conseguiram tirar de

³ Ver Anexo I

⁴ <http://cain.ulst.ac.uk/events/hstrike/> Acessada em 17 de junho de 2011

⁵ BOWYER-BELL: 1997; MOLONEY: 2007

⁶ O Conselho Revolucionário era um *think tank* criado por Gerry Adams e Danny Morrison durante suas estadias na prisão, nos anos de 1970. Seu objetivo era introduzir a “política” no movimento e fortalecer o papel do *Sinn Féin*, para que tomasse parte nas eleições.

⁷ Fundo de financiamento norte-americano, destinado a apoiar o republicanismo na ilha e acusado de fornecer armas ao IRA.

⁸ *Ulster Defence Association*

circulação elementos-chave para o movimento republicano – políticos e professores universitários – especialmente ligados ao IRSP.

A chamada guerra suja não representa novidade, é fácil concluir que, se o governo estava implementando tal política, nada seria concedido aos prisioneiros com seu protesto sujo. O comandante dos prisioneiros do IRA, Brendan Hughes percebeu que era necessário ir além e decidiu organizar uma greve de fome.

Entre os detentos republicanos que se voluntariaram para participar da greve, estava John Nixon, membro do INLA, o que demonstra a coordenação entre este grupo e o IRA dentro das prisões. A retirada dos direitos adquiridos se tornara grande obstáculo para a capacidade de organização e mobilização de uma classe importante para a definição da agenda de ambos os grupos, a classe dos prisioneiros. Desta forma, dentro das penitenciárias, prisioneiros de organizações diferentes passavam a ter uma agenda comum e unir as forças aumentaria a possibilidade de impacto neste contexto, ainda que, fora das prisões, as ações tivessem muito menos chance de serem coordenadas, ao contrário, eram muito mais comuns os assassinatos e brigas violentas entre as principais organizações republicanas, na disputa pela hegemonia do movimento, disputa essa sempre esfriada pela mediação de padres que conseguiam acalmar as animosidades por algum tempo.

Os momentos principais de coordenação entre os grupos republicanos rivais são poucos, entre eles podem ser destacadas as ações conjuntas entre OIRA e PIRA no início dos anos 1970; a greve de fome que está sendo analisada; e o atentado de Omagh que matou 29 pessoas, logo após a assinatura do Acordo da Sexta-Feira Santa em 1998. Este foi o pior de uma série de ataques ocorridos na época graças à união dos três principais grupos dissidentes: o *Real IRA*, que meses antes havia se separado do PIRA, o *Continuity IRA* e o INLA. Segundo o jornalista e escritor Ed Moloney, estes grupos se aliaram em oposição ao *Sinn Féin* com a finalidade de desestabilizar e derrubar o processo de paz e, enquanto não chegavam à definição de um projeto político comum, trabalhavam militarmente. No caso de Omagh, por exemplo, o RIRA forneceu explosivos e a logística de comunicação; o CIRA ficou encarregado da definição do alvo e forneceu alguns homens, enquanto o INLA providenciou o carro utilizado. A

aliança foi desfeita logo após o ataque, especialmente pelo fato do RIRA levar toda a culpa, além de diferenças ideológicas e pessoais intransponíveis entre os três⁹.

De volta à greve de fome de 1980, o Conselho de Guerra não conseguia decidir se este caminho deveria ser seguido ou não, já que esta escalada no protesto dos prisioneiros implicaria em ter de lidar e se associar com outros grupos políticos em outro tipo de relação com a qual não estavam acostumados. Além disso, todos sabem que uma greve de fome é difícil de ser controlada: não se pode prever até que ponto os prisioneiros conseguiriam se manter firmes nem qual seria a posição adotada pelas autoridades estatais¹⁰ e até quando um protesto deste tipo deve ser mantido.

Os prisioneiros estavam decididos, passando por cima da indecisão da liderança do lado de fora, e os detentos eram favoráveis, mais uma vez, ao uso deste símbolo tão tradicional para a sua cultura, que dotava de honra aqueles que a praticavam e cobria de vergonha os alvos do protesto¹¹. Esta não é, porém, uma tradição inglesa, o que pode ser a explicação para o fato de que o efeito não seja tão dramático nem faça tanto sentido para os britânicos. Obviamente, a greve de fome é um método tradicional de protesto em diversos países com o qual o governo britânico já estava familiarizado depois de tantas ocorrências na Irlanda, Quênia e Índia, mas o seu peso da vergonha não poderia ser sentido por eles da mesma maneira. Até então, o último republicano a ter morrido devido à greve de fome havia sido Frank Stagg, que iniciou uma greve de fome a partir da recusa de seu pedido de ser transferido da prisão em que se encontrava na Inglaterra para uma prisão na Irlanda, quatro anos antes, em 1976 e após mais de 60 dias de jejum.

Quanto mais Brendan Hughes, comandante dos prisioneiros, se mostrava decidido a iniciar o protesto, do lado de fora, Gerry Adams e Danny Morrison tratavam de mobilizar o máximo de apoio possível, em termos de opinião pública

⁹<http://www.dailymail.co.uk/debate/article-1161249/ED-MOLONEY-Divided-bitter-internal-rancour-dissidents-CAN-defeated.html> . Acessada em 21 de agosto de 2010

¹⁰ Depois de muitas mortes causadas pela alimentação forçada, nas prisões, esta política havia sido descartada há algumas décadas pelo governo britânico, mas havia a dúvida se o governo iria ser persuadido pela atitude dos prisioneiros.

e possíveis aliados. Esta nova liderança era reflexo da política construída no Conselho Revolucionário que haviam ajudado a organizar e havia alcançado os principais postos do IRA nos últimos três anos, conquistado cada vez mais cadeiras no Conselho de Guerra. Já que os prisioneiros efetivamente tomaram esta decisão, a liderança teria de apoiá-los e procurar, assim, trazer de volta a visibilidade perdida do movimento republicano e angariar mais apoio e alianças. Este grupo de Adams e Morrison tinha grande apoio do movimento em sua cidade natal, Belfast, e a maioria do Conselho de Guerra¹².

Desta forma, no início de outubro, os prisioneiros anunciaram ao público que iriam iniciar a greve de fome duas semanas mais tarde, no dia 27. Poucos dias antes do início do protesto, o governo comunicou que os detentos teriam o direito de usar roupas comuns, fornecidas pelas autoridades, mas a oferta foi considerada insignificante e rejeitada. A greve de fome tinha como objetivo a restauração dos direitos perdidos através de cinco demandas: não usar uniformes da prisão; não serem forçados a trabalhar; pela livre associação entre detentos para fins recreativos e educacionais; direito de receber uma visita, uma carta e um pacote por semana; e, finalmente, a restituição total dos bônus de redução de pena perdidos durante os quatro anos de protestos. Assim, sete prisioneiros - seis do IRA e um do INLA - foram escolhidos entre 70 voluntários e passaram a recusar comida no final do mês.

Como Brendan Hughes era um dos participantes da greve, o posto de comandante dos prisioneiros passou para Bobby Sands, que, apesar de não haver se destacado no movimento do lado de fora, era bastante ativo dentro dos muros da prisão Maze. Logo após o início da greve, Thatcher declara que nada seria concedido aos prisioneiros, o que será repetido pela primeira ministra algumas vezes nos meses seguintes. Mesmo assim, a oferta do governo feita alguns dias antes do início do protesto parecia um indicativo de que a greve era algo incômoda.

O efeito da greve foi bastante rápido e, alguns dias depois, pessoas foram às ruas em protesto contra a intransigência do governo britânico, e chegaram a cerca

¹¹ A greve de fome era utilizada como protesto e difamação desde antes da chegada do cristianismo na Irlanda e se trata, portanto, de um símbolo de grande tradição.

¹² BOWYER-BELL: 1997; MOLONEY: 2007

de dez mil em Dublin. Contudo, após a adesão de três detentas da penitenciária feminina de Armagh, o Secretário de Estado para a Irlanda do Norte, Humphrey Atkins, passou a admitir a necessidade de se discutir os aspectos humanitários do evento, ainda que salientando a oposição do governo às cinco demandas que legitimariam e encorajariam “atos de terrorismo” no país.¹³

Mais 23 prisioneiros aderiram à greve no dia 15 de dezembro e, enquanto a situação dos sete primeiros se deteriorava, a pressão popular aumentava. Em encontro com Margaret Thatcher, o *Taoiseach* (primeiro ministro) da República da Irlanda, Charles Haughey, tentou discutir a questão, ao mesmo tempo em que assegurava que sua política com relação a uma Irlanda unida dependeria de escolha da maioria da população, mas não teve sucesso. A Igreja procurou intervir e o cardeal da Irlanda, Tomás O’Fiaich, apelou tanto aos grevistas para que dessem fim ao protesto, quanto a Atkins e Thatcher para que intervissem mais enfaticamente na questão. Não se vislumbrava solução. Apesar das negociações “secretas”, o IRA e o governo não haviam chegado a acordo algum, enquanto a situação de saúde de Seán McKenna, um dos participantes da greve, piorava muito antes do imaginado.

A história diz que um acordo havia sido enviado para os republicanos no dia 18 de dezembro, concedendo a maior parte das demandas dos prisioneiros e que, sem ver a necessidade de se esperar um documento mais detalhado e para salvar a vida de McKenna, a greve foi imediatamente suspensa e seus participantes foram devidamente tratados e conseguiram sobreviver ao evento. Logo após a suposta vitória dos republicanos, e devido a uma certa ingenuidade em não terem esperado um documento mais detalhado e declarações oficiais, veio a percepção de que os britânicos voltaram atrás e não cumpriram com sua palavra. As roupas que os detentos deveriam usar não eram suas próprias e sim aprovadas pelos diretores das prisões e o *status* político não lhes fora assegurado. Isto foi visto como mais uma traição do governo britânico e os prisioneiros republicanos publicaram a declaração de que uma nova greve de fome iria ser organizada caso não recebessem o *status* especial.

¹³ BOWYER-BELL: 1997

A liderança do movimento, ao contrário, não queria mais uma greve e procurou fazer com que os prisioneiros aceitassem esta condição, para que pudessem clamar uma (pequena) vitória dos republicanos sobre o império, de maneira que a opinião pública lhes fosse favorável, o que já seria significativo o suficiente – ao menos era o máximo que um protesto deste poderia trazer em benefício ao movimento.

Em janeiro de 2011, porém, Danny Morrison declarou que não houvera acordo algum quando a greve de fome fora suspensa, A promessa de acordo só teria chegado umas horas depois, ou somente o rascunho dela havia chegado. O que acontecera foi que Brendan Hughes teria anunciado unilateralmente o fim do protesto, antes que seus companheiros morressem, e a liderança do lado de fora teria procurado disfarçar as coisas para que o movimento não saísse como derrotado por completo:

“Although it is now well-known that Brendan Hughes ended the hunger strike unilaterally, without consulting his O/C [officer commanding] Bobby Sands, we on the outside finessed the sequence of events for the sake of morale and at a midnight press conference merged the secret arrival of a British government document (promising a more enlightened prison regime: falsely, as it turned out) with the ending of the hunger strike.

It was either that or admit – which to the republican base was inconceivable – that Brendan had ended the strike without getting a thing.

Bobby – who turned out to be right – did not believe the British had any intention of working the unsecured promises contained in the document. But we begged him to put them to the test and that if the administration made things impossible then it could be claimed that the Brits were reneging.”¹⁴

Esta declaração gerou grande polêmica já que, alguns a interpretaram como se significasse que não teria havido traição do governo britânico. O documento de intenções recebido pela liderança e colocado como razão do fim da greve não constituiria um acordo fechado e tampouco prometia elevar os detentos à categoria de prisioneiros políticos, como mais tarde todos eles descobririam. As roupas de “estilo civil” determinadas pelas autoridades prisionais que lhes foram dadas estavam longe da demanda que exigia o uso de suas próprias roupas e, segundo os detentos, eram risíveis, mais uma provocação do que uma demonstração de respeito.

¹⁴ <http://www.longkesh.info/2011/01/03/the-tragedy-of-1980>. Acessada em 14 de junho de 2011

Por outro lado, pode se dizer que a política de criminalização era prejudicial somente para os prisioneiros, enquanto acabou por ser útil ao movimento em geral. Tratar os membros das organizações republicanas como criminosos comuns significava o fim da detenção sem acusação formal e sem provas, o que significava que só poderiam ser presos aqueles que fossem legalmente julgados e condenados; e era bastante difícil arranjar provas que incriminassem os membros das organizações republicanas, especialmente do IRA, mais bem organizado. Ao contrário, durante a primeira metade da década de 1970, a possibilidade de detenção por cima da lei havia desfalcado enormemente o movimento republicano quando centenas de pessoas eram presas diariamente. Com a criminalização, o movimento pôde se reorganizar e líderes como Gerry Adams podiam circular mais livremente já que não eram foragidos.¹⁵

Por mais esta razão, além da perda do foco nas ações militares, a liderança talvez estivesse relutante quanto à escalada dos protestos na prisão. Apesar de a greve de fome ter provado ser fator de grande atração de apoio ao movimento, uma nova empreitada destas definitivamente não estava nos planos da liderança do lado de fora. O melhor a ser feito seria manter a imagem de vitoriosos frente à opinião pública: graças aos protestos, depois de quatro anos vivendo em situação sub-humana e dispostos a se sacrificarem em uma greve de fome em prol do movimento, eles teriam saído vitoriosos (nenhum deles vestia uniformes da prisão). A guerra de propaganda é tão importante quanto a guerra física e Danny Morrison, editor do semanal do movimento e chefe de propaganda, sabia muito bem disto.

Dentro das penitenciárias, porém, o sentimento era outro e estava bem claro que a linguagem usada no documento de intenções permitia muito espaço de manobra para os britânicos e nenhuma de suas demandas havia sido atendida exatamente como haviam exigido. Havia sido traídos, enganados, mais uma vez. O INLA era o mais insatisfeito dos dois grupos e seu comandante, Patsy O'Hara planejava uma nova greve de fome.

O IRA não poderia deixar que o INLA produzisse seus próprios mártires sozinho, e o INLA necessitava de muito mais ação política do que o IRA para se

¹⁵ MOLONEY: 2007

fortalecer e conseguir mais apoio e, ainda, não precisava obedecer à liderança do exército republicano. Como o sentimento de revolta dos prisioneiros era o mesmo, o melhor a fazer, para Bobby Sands, seria coordenar, então, uma nova greve, apesar da relutância (novamente) da liderança. Desta forma o protesto não seria somente do INLA, e o IRA poderia absorver e concentrar a atenção que fosse conseguida, além de possibilitar que os prisioneiros pudessem buscar justiça.

Aprendendo com os erros, Bobby Sands e Patsy O'Hara planejam a greve de fome de maneira a causar mais impacto: ela teria início no dia primeiro de março de 1981 – data que marcava o quinto aniversário da retirada do *status* especial – e, ao invés de todos os participantes iniciarem o jejum ao mesmo tempo, cada um dos participantes iria entrar em greve de fome com o intervalo de tempo, para que houvesse certa periodicidade, para que houvesse uma morte por semana, mais impactante por sua previsibilidade. Não haveria somente um período de crise, de perigo de vida, mas vários períodos ao longo do tempo, mais notícias e mais pressão para ação sobre o governo britânico. Desta vez, o mais importante seria que eles não cederiam prematuramente a possíveis acordos.

A direção do protesto estava nas mãos do IRA, mais especificamente do novo comandante – já que Bobby Sands iria participar da greve de fome – Brendan McFarlane e o INLA passou a ser então coadjuvante no protesto. Bobby Sands foi o primeiro a iniciar a greve. Ele nunca havia se destacado como voluntário do IRA até ser condenado – pela segunda vez – em 1977, a 14 anos de cadeia por porte de armas de fogo. Foi dentro da prisão que Sands desabrochou e se tornou o comandante dos prisioneiros e mártir do movimento, se declarando preparado para levar o protesto até o fim, o que, naturalmente provocaria grande revolta contra o governo e simpatia aos republicanos.

Quatro dias após o início da greve de fome, Thatcher, em visita a Belfast, procurando deslegitimar o protesto, declarou que nada seria concedido aos “terroristas” já que assassinatos não podem ser políticos e estes prisioneiros tampouco poderiam ser considerados políticos:

“Those terrorists will carry their determination to disrupt society to any lengths. Once again we have a hunger strike at the Maze Prison in the quest for what they call political status. There is no such thing as political murder, political bombing or political violence. There is only criminal murder, criminal bombing and

*criminal violence. We will not compromise on this. There will be no political status.*¹⁶

Uma declaração parecida havia sido feita no dia anterior pelo Secretário de Estado para a Irlanda do Norte, Humphrey Atkins, mas, os canais de negociações “secretos” estavam abertos apesar dos discursos dos governantes. Do lado republicano, a mobilização de parte da população foi iniciada, agora com maior preparo na divulgação e propaganda, mas foi uma coincidência impossível de ser prevista que tornou esta a mais importante das inúmeras greves de fome irlandesas: a súbita morte de Frank Maguire, MP do distrito eleitoral de Fermanagh/South Tyrone.

Frank Maguire era um republicano independente, não era filiado a partido algum, e a região de Fermanagh/South Tyrone era uma das poucas de maioria eleitoral católica e, por causa de sua morte, houve antecipação das eleições para que sua cadeira fosse ocupada. Antes de sua morte, os nacionalistas já estavam discutindo quem deveria ser candidato da região nas próximas eleições e Noel Maguire (irmão de Frank), Austin Currie (SDLP) e Bernardette Delvin (uma das fundadoras do IRSP e ativista pelos direitos civis, que logo após abandona o partido devido à sua ligação com o INLA), eram abertamente possíveis candidatos à vaga. Bernardette expressou ainda que cederia lugar a algum candidato escolhido pelos prisioneiros, se este fosse o caso.

A liderança do IRA e do *Sinn Féin* aproveitaram a oportunidade de ampliar a divulgação do protesto dos prisioneiros através das eleições, e lançaram Bobby Sands como candidato à cadeira que Frank Maguire havia deixado livre em Westminster. Há momentos em que há coordenação entre as diversas instituições rivais para a definição de uma agenda em comum. No caso do movimento republicano na Irlanda do Norte, um destes momentos é a candidatura de Bobby Sands, quando todas as principais organizações republicanas apoiaram o candidato do *Sinn Féin*.

Por mais que membros do SDLP e figuras independentes rejeitassem ampla e publicamente a política de violência do IRA, ou por mais que membros do IRSP e do INLA concordassem com a necessidade das armas, mas discordassem

¹⁶ <http://www.margareththatcher.org/document/104589> Acessada em 14 de junho de 2011

fortemente da orientação ideológica do grupo, não foram lançadas candidaturas que pudessem dividir os votos nacionalistas e concorrer com a candidatura de Bobby Sands. Todos demonstraram, desta maneira, o apoio ao voluntário do IRA nas eleições de abril de 1981.

Três dias após o lançamento oficial da candidatura de Sands, o SDLP retirou a nomeação de seu candidato Austin Currie e, no dia seguinte, Noel Maguire também se retirou da corrida eleitoral, deixando aos eleitores a escolha entre Sands ou Harry West, o candidato unionista pelo UUP (*Ulster Unionist Party*). Assim, a campanha eleitoral de Bobby Sands pelo *Sinn Féin*, “prisioneiro político”, começou a ganhar força enquanto mais detentos entravam na sua greve de fome, como o planejado, e um deles era Patsy O’Hara, comandante dos detentos do INLA. Uma das frases de campanha dizia que “sua vida e a vida de seus camaradas poderiam ser salvas se você o eleger”.¹⁷ Durante a campanha eleitoral, e após as eleições, a violência e os protestos aumentaram em quantidade e intensidade por toda a Irlanda do Norte.

A ousada candidatura de um homem praticamente condenado à morte atraiu a atenção da imprensa internacional e as eleições do dia 9 de abril foram cobertas por inúmeras redes de televisão e jornais do mundo todo. Quando os votos terminaram de ser contados dois dias depois, o mundo viu Bobby Sands ser eleito com 30.492 votos, contra 29.046 votos para Harry West nas eleições onde 86,9% dos eleitores compareceram às urnas.¹⁸ Agora o IRA tinha um representante legitimado dentro das regras oficiais, eleito democraticamente e colega dos demais membros do parlamento britânico, parte do mesmo governo de Thatcher.

O *status* de Bobby Sands havia mudado drasticamente de criminoso para MP, e o fato de ter sido eleito membro do parlamento trouxe, além de visibilidade internacional, legitimidade oficial. Uma legitimidade da qual ele já gozava antes, enquanto mártir em potencial, mas que passou a atrair a mobilização de colegas de posto. Três membros do parlamento, não de Westminster, mas de Dublin – chamados de TD (*Teachta Dáil*) – visitaram Sands na prisão Maze no dia 20 de abril e, ao saírem, procuraram marcar uma reunião urgente com o governo

¹⁷ BOWYER-BELL: 1997

¹⁸ <http://cain.ulst.ac.uk/> Acessado em 14 de janeiro de 2011

britânico para tratar de sua situação, mas Thatcher anunciou no dia seguinte, em uma entrevista coletiva na Arábia Saudita, tratando de negócios, que seu governo não iria se encontrar com os TDs para discutir a greve de fome e reiterou que não estava disposta a conceder *status* político para “certo grupo de pessoas cumprindo pena por crimes” e sua famosa frase “*crime is crime is crime, it is not political*” foi o encerramento da discussão.¹⁹

A união das organizações tanto pacíficas quanto não, do SDLP, IRSP, *Sinn Féin*, IRA, INLA e republicanos independentes resultou na eleição de Sands e gerou manifestações de apoio ao movimento raramente vistas. Diariamente protestos e revoltas ocorriam em Belfast e Derry em demonstração de apoio a Sands e repúdio à irredutibilidade do governo britânico. A cada dia que se passava, o MP enfraquecia, e sua morte parecia cada vez mais real. Ao contrário do que se pensava, a eleição de Sands não resultou em acordo algum sobre a questão dos prisioneiros, mas ainda assim foi uma grande vitória do movimento já que a situação dos detentos era diariamente acompanhada pelos maiores jornais locais e internacionais.

Após a eleição, o governo britânico aprovou uma modificação na lei de representação, gerando a *Representation of the People Act 1981*, que passou a impedir a candidatura de detentos que cumprem penas maiores do que um ano no Reino Unido e na Irlanda do Norte. Danny Morrison, que foi o principal construtor da política propagandística do *Sinn Féin*, define qual era o sentimento geral com relação ao governo britânico após a eleição:

“Margaret Thatcher, que era a primeira ministra, escarnecia os republicanos... você sabe, ‘como vocês podem ter voz, vocês simplesmente não têm um mandato’... e Bobby Sands foi eleito MP por Fermanagh / South Tyrone e, ao invés de ela usar isto como uma oportunidade para resolver esta crise, ela foi tão cabeça-dura...acho que é por isso que a chamavam de dama de ferro, ela mudou a lei das eleições para evitar que qualquer outros prisioneiros se candidatassem ao invés de reconhecer o mandato de Bobby Sands e, claro, o Bobby morreu.”²⁰

Ainda assim, e como o protesto era algo muito difícil de ser controlado, uma pequena parte da liderança do IRA começava a especular se a greve não deveria ser suspensa e declarada um sucesso graças à vitória de Sands, mas, dentro dos muros da Maze, os prisioneiros estavam determinados tanto a conseguir acordo

¹⁹ <http://www.margareththatcher.org/document/104501> Acessado em 22 de junho de 2011

com relação às suas cinco demandas quanto a algo maior, que agora se espalhava pelos ares irlandeses. Já que a ordem não seria cumprida, e nem tinha apoio aberto de ampla maioria da liderança, a greve continuou e famílias ao redor do mundo acompanhavam na hora do jantar com curiosidade e simpatia qual seria o futuro de Sands.

A sua irmã, Marcella Sands, denunciou o governo britânico junto à Convenção Europeia dos Direitos Humanos no final de abril, mas Bobby não aceitou ser visitado pela comissão sem a presença do comandante dos prisioneiros Brendan McFarlane, do vice-líder do IRA e *Sinn Féin*, Gerry Adams, e de Danny Morrison. Devido a esta (e outras) dificuldades, a comissão declarou não tinha poderes para dar continuidade ao caso.²¹

Um enviado do papa João Paulo II fez duas visitas a Sands na prisão, mas não conseguiu nem convencê-lo a desistir da empreitada e tampouco persuadir Atkins a tomar alguma atitude com relação à situação do detento. Atkins continua publicamente irredutível e declarou que se Bobby Sands quiser continuar a ir em frente na sua decisão de cometer suicídio, o governo não iria impedi-lo. Até mesmo Ronald Reagan que, apesar de não pretender interferir, se declara “profundamente preocupado” com a situação²², ainda que não tenha especificado para que lado sua preocupação pesava, a declaração serve para ambos os lados já que na política local um dos mais importantes defensores do movimento republicano é o seu colega de partido Peter King.

Finalmente, sob os olhares atentos de multidões, o MP Bobby Sands faleceu no dia cinco de maio, após 66 dias de greve de fome, sem que se tivesse chegado nem perto de qualquer acordo com o governo britânico do qual fazia parte. A *Northern Ireland Office* se apressou em emitir uma curta declaração que dizia que Sands havia tirado sua própria vida ao recusar comida e tratamento médico.²³ Ao anunciar, como de praxe, oficialmente a morte de um de seus membros, a Casa dos Comuns omitiu a parte em que se solidarizavam com a família do falecido e Thatcher seguiu a mesma linha e declarando que “*Mr. Sands was a convicted*

²⁰ Ver anexo I

²¹ <http://cain.ulst.ac.uk/> acessado em 14 de janeiro de 2011

²² *ibidem*

²³ BOWYER-BELL: 1997

criminal. He chose to take his own life. It was a choice that his organisation did not allow to many of its victims.”²⁴

Naturalmente, a sua morte gerou muitos dias de revoltas e protestos por toda a Irlanda do Norte e em outros lugares do mundo. Em Belfast várias pessoas morreram durante as revoltas, inclusive um membro do INLA, morto pela explosão acidental da bomba que carregava. Por toda a região, as organizações nacionalistas se mobilizaram e foram às ruas, ganhando visibilidade internacional. No dia 7 de maio, mais de 100 mil pessoas marcharam no funeral de Sands, mas a violência foi suspensa (até o final do enterro), demonstrando apoio maciço não especificamente ao IRA, mas ao herói, ao mártir irlandês que lutou até o fim por justiça, e à causa irlandesa, enquanto o governo britânico procurava não dar importância maior ao caso do que ao suicídio de um criminoso.

Esta procissão, maior que todos os funerais dos (numerosos) heróis republicanos foi transmitida para todos os países e Bobby Sands se tornou um ícone. Houve protestos por toda a Europa, dentro e fora da cortina de ferro, em oposição à atitude do governo britânico: em Milão, Paris, Oslo e Praga; muitas ruas foram renomeadas em homenagem a Sands. Nos Estados Unidos, cerca de mil pessoas se reuniram na Catedral de São Patrício de Nova York para uma missa pela reconciliação na Irlanda e vários estabelecimentos de descendentes de irlandeses foram fechados por algumas horas em sinal de luto. Em Teerã, a rua de entrada da Embaixada Britânica foi renomeada, deixando de se chamar Winston Churchill Boulevard para se tornar a Bobby Sands Road, o que fez com que a embaixada mudasse a porta de acesso para contornar o constrangimento que um endereço como este poderia causar.²⁵

Quando parecia que não havia mais espaço para a simpatia por organizações como o IRA, a morte lenta de um parlamentar conseguiu revigorar todos os grupos republicanos, em especial o *Sinn Féin*. O movimento republicano recebeu um grande aumento tanto de voluntários quanto da receita financeira. Foi o início do crescimento do *Sinn Féin* que passou a ser central na política oficial da Irlanda do Norte e da República da Irlanda, mas também deu uma dose extra de força para

²⁴ <http://www.margarethatcher.org/document/104641> acessado em 22 de junho de 2011

²⁵ BOWYER-BELL: 1997; MOLONEY: 2007

as demais organizações. A guerra de propaganda foi definitivamente vencida pelos republicanos nestes primeiros meses de 1981.

Danny Morrison era o homem por trás da publicidade do movimento republicano e percebia claramente o poder de legitimação ou deslegitimação que o discurso e a propaganda política têm. As armas eram o uso de termos como “terrorista”, “criminoso” e “assassino” em oposição a “herói”, “mártir” e “justiça”. A imagem de Bobby Sands também foi central para Danny Morrison:

“...quando Bobby Sands começou a greve de fome, nós tínhamos uma foto do Bobby Sands, a famosa foto dele com cabelo bonito e comprido e nós a demos para uma agência de jornalismo chamada Pacemaker em Belfast e dissemos a eles: ‘usem esta foto, vocês podem publicá-la internacionalmente e vocês podem ficar com os direitos autorais ou qualquer royalties que vocês conseguirem com ela, nós só queremos que a foto seja mostrada’; então nós tivemos a foto divulgada e ela se tornou a foto ícone do Bobby Sands. O governo britânico repentinamente percebeu uma coisa e pensou ‘espere um minuto, este é um cara bonito, ele não parece um terrorista’, então eles tentaram divulgar uma foto de identificação da polícia do Bobby Sands com uma placa de números abaixo dele, tirada quando ele foi preso, você sabe como uma fotografia do Al Capone! Mas era tarde demais porque nós já tínhamos estabelecido a imagem do Bobby Sands na mídia internacional, na percepção internacional.

O New York Times foi pressionado pelo Ministério das Relações Exteriores britânico e a embaixada britânica em Washington foi ao New York Times e disse: ‘parem de chamar o IRA de guerrilha, eles são terroristas!’ e o New York Times disse: ‘nós vamos os chamar de guerrilha.’

Então você pode ver que há uma guerra de palavras que é travada juntamente com a guerra real: a guerra pelos corações e mentes. Nós somos bastante astutos com relação à mídia, nós fomos treinados, nós aprendemos ao longo do tempo...”²⁶

Enquanto isso, mais detentos entravam na greve de fome de acordo com o que havia sido planejado. A greve não poderia terminar se nada havia sido conseguido, mas à medida que mais prisioneiros morriam – no dia 12 de maio, Frances Hughes e no dia 21 Raymond McCreech e Patsy O’Hara perderam suas vidas – a sensação de que o governo continuaria irredutível aumentava. Ao mesmo tempo o impacto diminuía, a violência nas ruas continuava e a pressão de familiares e religiosos pelo fim da greve de fome aumentava, apesar do sucesso do *Sinn Féin* nas eleições locais e na república.

No dia 4 de julho, quando mais alguns voluntários estavam no limiar de perder suas vidas, os prisioneiros divulgaram uma declaração onde diziam que o

²⁶ Ver anexo I

protesto tinha como objetivo a conquista das suas cinco demandas, mas não fazia mais menções ao *status* de prisioneiros políticos, uma manobra sutil em tempos que pareciam congelados.

O próximo prisioneiro a perder a vida seria Joe McDonnel. Ultimamente a sua morte e as cinco mortes que seguiram a sua são alvo da polêmica gerada por Danny Morrison, em janeiro de 2011, quando declarou que a liderança teve que moldar os fatos de maneira mais elegante para que a primeira greve de fome pudesse parecer vitoriosa. O que se diz hoje, após esta declaração, é que as seis últimas mortes da greve de 1981 poderiam ter sido evitadas. Antes da morte de McDonnel, o governo enviou um esboço de proposta para a liderança e, já que talvez não tivesse ocorrido exatamente uma volta atrás da parte do governo britânico na greve anterior, o argumento da liderança de que não se podia confiar nele seria falso.

O que ocorreu foi que, em 1981, a liderança exigiu uma posição oficial do governo, uma declaração feita pessoalmente por um representante, alguma coisa em que poderiam confiar e não algo como o que lhes havia sido enviado no ano anterior. O argumento para tal desconfiança era de que os britânicos já os haviam traído uma vez, desmobilizando a greve de fome e não poderiam deixar que isto acontecesse novamente.

O fato era que, independentemente das polêmicas internas, do lado de fora cada vez menos pessoas iam aos funerais dos mártires da república, ainda que as mortes continuassem a chocar. A união nacionalista republicana se dissolvia já que os pacifistas nunca haviam se preparado para a possibilidade de que tantas mortes fossem acontecer, tanto dentro quanto fora da penitenciária, com o aumento do conflito e vociferavam pela suspensão do protesto. As pessoas que compareceram às ruas no funeral de Bobby Sands também esperavam um fim para a greve, os prisioneiros não poderiam manter este protesto até que todos morressem de fome. As famílias, cada vez mais fortalecidas pelo apoio da Igreja, imploravam para que a situação terminasse e tentavam convencer seus entes queridos de desistir da campanha.

Ainda assim, os prisioneiros também eram irredutíveis e, como Gerry Adams havia explicado ao padre Denis Faul, o principal advogado pelo fim do

protesto, uma ordem vinda de fora iria, no mínimo dividir os prisioneiros e, no máximo ser ignorada por eles.²⁷ Restava então à Igreja continuar pressionando as famílias para que passassem por cima da vontade de seus parentes e interviessem na greve de fome no momento em que os prisioneiros perdessem a consciência – e se tornassem legalmente incapazes.

A primeira família a intervir foi a de Patrick Quinn no dia 31 de julho, quando sua mãe pediu aos médicos que o ressuscitassem e, a partir de então não havia mais unidade no movimento já que algumas famílias haviam prometido não desrespeitar a vontade de seus parentes, mas outras famílias não haviam feito promessa alguma deste tipo²⁸. O INLA, sempre mais efusivo, ameaçou abandonar o movimento, já que corriam o risco de jejuar por nada. Enquanto o movimento se dividia, mais prisioneiros morriam.

Aparentemente só o IRSP e o INLA mantinham o mesmo apoio. Durante o funeral da oitava vítima, Bernardette Delvin se retirou em protesto quando o padre clamou pelo fim da greve de fome, enquanto o IRA e o *Sinn Féin* permaneciam mais quietos e trabalhando para conseguir um acordo verdadeiramente confiável com o governo enquanto esperavam as eleições para a vaga deixada por Bobby Sands que seria no dia 20 de agosto.

Já que a nova lei não permitia a candidatura de nenhum dos prisioneiros em greve de fome, o *Sinn Féin* lançou Owen Carron, o agente eleitoral de Sands como candidato. O *Workers' Party* - antigo *Official Sinn Féin* – lançou candidato próprio e dois candidatos independentes também apareceram, algo bem diferente da união vista em torno da candidatura de Bobby Sands. Poucos esperavam que um republicano ganhasse estas eleições, com tantos concorrentes, mas o resultado de Carron foi ainda melhor que o de Sands, para a surpresa de todos. Isto impulsionou um pouco mais a força da greve de fome, mas as negociações da liderança com o governo ainda não haviam chegado a termo, seja por desconfiança da parte republicana, seja para dar maior ímpeto às eleições do dia 20, como acusam os críticos após a última declaração de Danny Morrison. No mesmo dia das eleições morria a última, a décima, das vítimas da greve de fome –

²⁷ BOWYER-BELL: 1997

²⁸ <http://www.longkesh.info/category/statements/former-hunger-strikers/> Acessado em 13 de maio de 2011

muitos ainda continuaram, mas suas famílias intervieram até que a greve foi suspensa em outubro.

O governo britânico promoveu, sem alardes, reformas que satisfaziam a maior parte das exigências dos prisioneiros: poderiam usar roupas civis; receber mais visitas, cartas e pacotes; ter seus bônus restaurados e o trabalho reduzido a tarefas básicas, como na cozinha e lavanderia da prisão. Pouco foi feito com relação ao direito de associação, que foi concedido somente aos presos de uma mesma ala e sob a supervisão dos policiais.

A coordenação entre as diversas agências nacionalistas e republicanas durou pouco, mas seu impacto, que culminou na eleição de Bobby Sands para MP, foi bastante positivo principalmente para o IRA e *Sinn Féin*. O INLA nunca dispôs de tamanho e estrutura hierárquica que pudesse aproveitar tão bem o crescimento do apoio à causa como o IRA, mas ainda assim teve três mártires no protesto e engrossou um pouco suas fileiras de voluntários.

A vantagem para o SDLP e para os republicanos independentes e pacifistas foi, igualmente, um aumento na visibilidade da causa. Contudo, o fato do governo não ter impedido a morte de um de seus membros do parlamento e com a continuidade do protesto e aumento da violência nas ruas, estas organizações viram, mais uma vez, seus ideais serem suplantados pelos ideais do IRA. A legitimidade da causa pode ter aumentado, mas a legitimidade do IRA, que já existia antes, agora era oficial.

O *Sinn Féin* despontou como o principal partido republicano na Irlanda do Norte, e um dos maiores na República e, com tamanho sucesso, Gerry Adams, Martin McGuinness e Danny Morrison conseguem consolidar, de uma vez por todas, a liderança do movimento, antes dividida com o Sul, e agora definitivamente no Norte.

O caminho das eleições havia se provado tão interessante quanto o caminho da guerra, apesar da segurança ainda ter que ser a preocupação principal do exército republicano já que a guerra no Norte estava longe de terminar. Ironicamente, a liderança, especialmente Gerry Adams, começava a mencionar a possibilidade de não somente vencer as eleições, mas também suspender a política

de abstencionismo e boicote às instituições e, talvez, assumir as cadeiras em um futuro próximo. Mas ainda era cedo para este passo, era preciso ainda defender a política de participação eleitoral do *Sinn Féin*. Segundo Danny Morrison eles precisavam fazer uma escolha:

“Nós então, no final de 1981, tínhamos que decidir que estratégia seguiríamos após a greve de fome e decidimos que iríamos adotar uma estratégia dual de tomar parte nas eleições, mas boicotando as instituições do Estado, e apoiar, ou ao menos explicar, a natureza da luta armada do IRA, apesar da nossa posição oficial ser a de que queríamos a paz, queríamos negociações, mas enquanto houvesse repressão e opressão britânica haveria uma resposta de força física...”²⁹

Graças ao sucesso para o IRA – ainda que fracasso para os prisioneiros – da greve de fome, uma mudança foi possível e uma política dual foi implementada no movimento. Ainda que a liderança tivesse clara percepção desta oportunidade, a base de apoio, os voluntários, conservadores e tradicionalistas, tinham de ser convencidos da legitimidade desta mudança. A racionalidade de segurança continuava presente e era preciso provar que o IRA continuaria capaz de proteger, ou se dizer protetor, das áreas nacionalistas enquanto o *Sinn Féin* crescia e tomava parte nas eleições. A guerra não seria abandonada, não poderia ser. Desta maneira, na *Ard Fheis* do *Sinn Féin* de 1981, Danny Morrison consegue convencer os membros com seu discurso que se tornaria clássico:

“Who here really believes we can win the war through the ballot box? But will anyone here object if, with a ballot paper in this hand and an Armalite in the other, we take power in Ireland?”³⁰

Desta forma, o equilíbrio entre IRA e *Sinn Féin* foi abalado. Na verdade, o correto seria dizer que o equilíbrio foi abalado, já que a hegemonia do exército no movimento foi perturbada, pois o exército e o esforço de guerra recebiam a maior parte dos esforços físicos e financeiros. Aproximava-se, assim, mais próximo a um equilíbrio entre as armas e o partido, cuja importância e força haviam sido demonstradas a partir da mobilização dos prisioneiros, e, até certo ponto, contra a vontade da liderança. O movimento republicano esboçou, então, uma mudança em direção à política dual que iria culminar no processo de paz dos anos de 1990, com um fuzil numa uma mão e uma urna na outra.

²⁹ Ver anexo I

³⁰ MOLONEY: 2007

3.2 Conclusão:

A luta pelo *status* especial dos prisioneiros republicanos é de extrema importância para a sua legitimização enquanto combatentes de uma guerra de libertação nacional, combatentes que gozam do mesmo *status* que os combatentes do exército britânico. Mesmo que não sejam reconhecidos como tal pelas autoridades oficiais, eles são desta maneira considerados por uma grande parcela da população. Do outro lado, a política de criminalização visava justamente, deslegitimar os voluntários, enquadrando-os enquanto criminosos comuns julgados a partir do *Terrorism Act* e que, portanto, deveriam receber os mesmos tratamentos que os demais prisioneiros.

A competição pela legitimidade e pela definição da agenda política entre as agências de segurança rivais – tanto as que fazem parte do governo britânico, mas principalmente as internas ao movimento - e agências que procuram dessecuritizar questões-chaves destas disputas são evidentes em diversos momentos da história do movimento republicano irlandês, mas há ainda, momentos em que as organizações concordam pela coordenação de suas ações, por mais diversas que suas políticas de atuação sejam.

O caso da greve de fome dos prisioneiros de 1981 é um exemplo da coordenação entre estas agências rivais. O fato de se encontrarem com as mesmas privações em um espaço fechado, como as prisões, faz com que a possibilidade de ação em conjunto entre o IRA e o INLA seja favorecida, ainda que sem o apoio imediato da liderança do lado de fora das cadeias. Os prisioneiros de ambas as organizações, que tinham conflitos violentos nas ruas, se viram igualmente privados de seus direitos anteriormente adquiridos, de maneira que uma ação em conjunto passa a ser interessante para ambas. De um lado o INLA dispõe da força de vontade, mas não dispõe da infraestrutura e da abundância numérica que o IRA possui e, de outro lado, o exército republicano pode dispor do apoio e carisma de membros importantes do INLA ao mesmo tempo em que, através de sua infraestrutura e organização, consegue absorver os benefícios de uma ação em conjunto.

Graças a um inesperado golpe de sorte, uma cadeira do parlamento britânico, a mais certa para os republicanos, se torna vaga com a morte repentina

do MP Maguire e, com o grande ímpeto da greve de fome em seu começo, a candidatura de Bobby Sands é vista como oportunidade de fortalecer o movimento republicano. A coordenação, anteriormente somente dentro da prisão, ultrapassa os muros da penitenciária e consegue abranger aquelas agências críticas à racionalidade de segurança dentro da qual o IRA e o INLA funcionam.

Desta forma, em apoio ao que Bobby Sands significa e em repúdio à frieza e irredutibilidade britânicas, o SDLP e os candidatos independentes se retiram das eleições em apoio a Sands, em uma união nunca antes vista dentro do movimento. Apesar disto, a eleição de Sands não traz os resultados esperados, e o governo britânico permite que um membro de seu parlamento morra nas condições que ele havia imposto a si próprio. O apoio internacional a Bobby Sands e as demonstrações nas ruas da Irlanda do Norte fortaleceram o movimento republicano e nacionalista de maneira espetacular, mas a coordenação perde força a partir do momento em que a violência continua tomando conta das ruas e a legitimação do IRA através de Sands cresce ainda mais.

A força que o *Sinn Féin* experimenta nas eleições a partir da greve de fome abre caminho para o início de uma mudança que iria culminar no processo de paz anos mais tarde. Mas as tradições e rotinas institucionais não podem ser transformadas repentinamente, e se faz necessário um trabalho de convencimento das bases de apoio do movimento de que uma política dual, a guerra e as eleições, é o caminho mais seguro para a vitória.